

Caderno de Sábado 22/8/98 

## Nosso inglês é mais divertido que o deles

Em "Relembrando o Português com Dicionário de Anglicismos", Durval de Noronha revê com humor a invasão de palavras do idioma no País

Por Benedicto Ferri de Barros

O leão, ou suas pulgas, tempestade em copo d'água... não é bem por aí. Digamos logo de uma vez: cerca de 1.500 anglicismos embutidos na língua portuguesa falada no Brasil não chegam a constituir ameaça a um vernáculo que no dicionário "médio ou infra-médio" do Aurélio (segundo ele próprio classifica seu trabalho no prefácio) abrange mais de cem mil vocábulos. Uma poluição de 1,5% é surpreendentemente baixa – não chega a comprometer a pureza da língua. A ameaça maior vem da subalfabetização constante dos livros primários, agravada nos secundários e paroxística nos superiores. (Para nada se falar da sublitteratura e dos infra-escritores.) Nem tem a globalização, tão velha quanto os babilônios, nada a ver com a mixagem lingüística, tão comum ao comércio humano quanto a exogamia sexual. Há os puristas da língua como os das raças, mas a genética moderna considera que a conservação do patrimônio hereditário humano fica melhor garantida pela mestiçagem do que pelo refinamento racial. Compreende-se a fúria dos lexicógrafos e dos gramáticos e deve-se respeitá-la: eles estão no seu papel. Alguém deve se incumbir da faxina, da remoção do lixo sanitário.

Mas como já insinuamos acima, os grandes problemas da linguagem estão em outra parte. As palavras empregadas são o de menos. A questão maior está em como, quando e onde são empregadas. Como instrumento do pensamento e da comunicação, a arte de usá-las, representada pela literatura, é o que comanda sua elevação e utilidade. E, neste caso, a degeneração da linguagem pelas elites do pensamento e da cultura são o problema do leão, o leão em pessoa, não suas pulgas.

Num mundo progressivamente dominado pelo democratismo, onde "o mercado" e o "ibope" estabelecem as regras de sucesso e a "mídia" determina até mesmo a escolha dos mandatários supremos, não cabe exigir a pureza e os requintes vocabulares de um Euclides da Cunha, de um Machado de Assis. Isto é "para os raros, só para os loucos", como sabia Herman Hesse. A "mídia", que fatura sobre a massa, não pode usar uma linguagem superior ao vocabulário popular, se não como um tempero refinado, indutor e provocador de melhor apetite verbal. Mesmo porque ela própria, formada por essas escolas, esses currículos, esses livros e esses autores didáticos e literários que rolam por aqui não lhes proporciona recursos para tanto.

Nada disso dispensa a elite da linguagem e do pensamento de fazer o seu papel, de cultivar não apenas a limpeza, mas também a riqueza lingüística. "Visto que a fala era nosso ofício/ e pela fala éramos levados a depurar o que falava a tribo/ urgindo a mente à previsão e consequência...", como recomendava Eliot, o poeta, não há como dispensar essa obrigação do ofício literário, ainda que ela se destine apenas aos "raros e aos loucos". O que em vão o democratismo pretende nos fazer olvidar é que, de todos os regimes políticos e sociais, a democracia é a que menos dispensa o trabalho das elites de todos os gêneros, a intelectual, a científica e a literária. Aqui há trabalho para todo o mundo, e quanto mais caminharos na Era Digital, maiores serão as exigências intelectuais feitas, até mesmo dos macacos digitadores de computação. São justamente os gurus da informática que se mostram dos mais preocupados com a perda da linguagem,

pois ela é o instrumento indispensável à interpretação das informações de toda a ordem e à criatividade. É o que eles dizem. E são dos mais alarmados com o fato, pois sendo arautos da informática, que é uma "língua franca" universal e, necessitando avidamente capturar o mercado mundial dos usuários, seus técnicos criaram, como comunicadores, uma linguagem que só serve para eles se comunicarem entre si.

É por estes motivos que aproveitamos o pretexto de comentar o Relembrando o Português com Dicionário de Anglicismos, de Durval de Noronha, para botar alguns pingos nos is.

Durval de Noronha Goyos Jr., como as orelhas do volume nos informam, é no Brasil e internacionalmente advogado reputado como um dos melhores conhecedores do comércio internacional, razão que o levou a ser escolhido como um dos árbitros do Gatt e da OMC. Por uma outra veia, escreve livros de elevado sentido cultural e prático, tal como, além deste volume, o Dicionário Jurídico bilíngüe (inglês/português) que, nacional e internacionalmente, se transformou em ferramenta indispensável a quantos operam no ramo, que não são tão raros nem tão loucos assim...

O livro que comentamos na realidade é um volume duplo (inconho – ou incõe, como se diz no Vale do Paraíba de bananas xifópagas). Daí seu título geminado e algo gongórico: Relembrando o Português Com Dicionário de Anglicismos. A primeira parte compreende três capítulos, um sucinto mas nutritivo e curioso sumário da evolução das línguas inglesa, portuguesa e de sua mixagem pelos anglicismos; a segunda apresenta utilíssimo dicionário dos anglicismos mais comuns, com algo por volta de 1.500 verbetes. De fato, parece bárbaro, e muitas vezes é, usar anglicismos no lugar de vocábulos vernaculares muitas vezes mais claros e mais bonitos. Aqui é preciso não esquecer que os portugueses descobriram o Brasil muito antes da Inglaterra, e algumas palavras que os ingleses inventaram depois, o português já assimilara dos indígenas brasileiros. Mas, por que trocar o anglicismo cocktail, já dicionarizado no Aurélio como coquetel, pelo lusitanismo beberete; em lugar de pedir um band-aid na farmácia dizer ao balconista: "um penso rápido"; chamar "tupinamente" de caçapava a uma câmara de compensação, ou designar um "cluster" por goiaba? O caso dos neologismos é ainda mais complicado, pois como se depreende da própria leitura dos verbetes apresentados, é difícilimo, se não impossível, encontrar sinonímia adequada a palavras novas. Não há jeito: se surge uma coisa nova, precisa de um nome novo e esse nome tem de ser importado juntamente com a coisa. O que não impede que seja vernacularizado.

É um engano supor que a mixagem lingüística necessariamente produza a babelização. Como se verá de uma leitura refletida da primeira parte do livro, a língua inglesa, com seus mais de 600 mil vocábulos, resulta de multissecular "suruba" entre o celta, o latim, o francês; o português é muito mais casto, mas seu patrimônio lingüístico é muito menor. A mixagem não produz necessariamente a licenciosidade: como Noronha nos informa: "Para obter admissão à universidade no Reino Unido é obrigatória a aprendizagem do latim clássico por seis anos." Assim, o inglês britânico é uma língua muito mais clássica, lógica e organizada do que o "inglês americano", que corre o risco de evoluir para um patoá e perder a estrutura lógica do discurso verbal, como se vê pelo "informatês". A exemplo do caso inglês, também o japonês praticou a partir do século 5 uma promiscuidade lingüística universal. Na atualidade, o japonês corrente utiliza três tipos de símbolos gráficos para escrever, não se contando o alfabeto latino e a mímica digital para juntar isso tudo. Mas, enquanto o Reino Unido preserva as raízes clássicas de sua língua, tanto o caso japonês como o americano tendem à "patoalização". Mas quem dirá não seja esse um dos vetores da globalização lingüística do próximo milênio e não se volte a precisar de intérpretes, escribas e filósofos para se usar e compreender a língua? Isto não dispensa o freio sanitário de que se incumbem gramáticos e lexicógrafos – pelo contrário.

Enquanto o dicionário jurídico de Noronha é coisa para advogado especialista, este volume serve, assim, como um pão-nosso de cada dia, pois quem não está interessado em conhecer com seu verdadeiro significado essas retumbantes e chiques novidades que a mídia despeja sobre nós a cada dia? Para falar francamente, este é um dos volumes mais divertidos que nos tem chegado às mãos ultimamente, em grande parte não só pela natureza da matéria como pela vocação humorística do seu autor. Prova de que para ser sério, nutritivo e útil não se precisa ser chato nem puritano.

**RELEBRANDO O PORTUGUÊS COM DICIONÁRIO DE ANGLICISMOS**, de Durval de Noronha. Observador Legal, 304 págs., R\$ 30,00.

**Benedicto Ferri de Barros é integrante da Academia Paulista de Letras e da Academia Internacional de Direito e Economia**